





## Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto  
Burkert Del Pino  
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise  
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise  
Marcos Bussolleti  
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira  
Hypolito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano  
Volcan Agostini  
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz  
Osório Rocha dos Santos  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira  
Wotter  
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger  
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers  
Acunha  
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus  
Mandagará Martins

### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia  
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

### INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira  
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

### NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)  
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

### Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

### Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

### Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:  
Editora da UFPel, 2015/2016.  
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

\* Obra editada e publicada em dezembro de 2017

volume

21

dezembro 2016  
ISSN 1516-3633

volume

22

dezembro 2016  
ISSN 1516-3633

ICH - UFPE

OPINIÃO PÚBLICA JK PORTO MST GRANDE HOTEL  
 REVOLTA DOS MARINHEIROS BUENOS AIRES  
 AMÉRICA LATINA JORNAL DO BRASIL  
 RIO GRANDE SÃO LOURENÇO MUCKERS DO SUL  
**TRABALHO** PIRATINI  
 FMI  
 PARTEIRAS DIÁRIO POPULAR MULHERES ANTIGONA  
 CATIVOS IMPRENSA  
 SÓFOCLES DIREITO  
 PELOTAS SANTA MARIA HISTÓRIA ORAL



# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



## O SONHO DE SER “MISS MULATA” NA REPRESENTAÇÃO DE BELEZA E RAÇA (1969-1999), RS

THE BE DREAMING "MISS MULATA " IN THE REPRESENTATION OF BEAUTY AND RACE (1969-1999), RS

Beatriz Floôr Quadrado<sup>1</sup>

---

**Resumo:** A pesquisa tem como temática um concurso de beleza denominado “Miss Mulata”, o qual tinha como objetivo a valorização da mulher negra. O concurso tem origem em Arroio Grande (RS) no ano de 1969, é fundado por Antônio Carlos da conceição, o qual se denomina como um “negro, mas não puro”. A pesquisa se propõe à analisar as questões que envolvem a construção da representação da mulata no imaginário brasileiro, assim como, a construção de beleza e representação neste concurso. Busca-se compreender até que ponto o concurso pode contribuir para o fim do racismo e preconceitos sobre a mulher negra, levando em conta, principalmente a terminologia utilizada para denominação do mesmo?

**Palavras-chave:** Mulata; beleza; raça; racismo; representação.

---

O presente artigo busca discutir os processos de representação sobre o corpo negro, construída pela própria comunidade negra, neste trabalho, especificamente, na cidade de Arroio Grande. Enfatizando, também, a construção colonial em um padrão normatizador da branquitude, relacionando o corpo negro a estereótipos negativos ligados, em especial, à estética.

Antes de iniciar o texto se faz relevante destacar que a autora deste artigo é branca, e que por meio de seus estudos acabou percebendo a posição de privilégios que obtém na sociedade brasileira em que prevalece o padrão da branquitude. Mas que por esta percepção, que julga injusta e violenta, busca contribuir na desconstrução da superioridade racial colocada sobre o corpo branco. Assim como entende como importante ressaltar as diferenças da entrevistadora com suas fontes de entrevista, no que tange raça, cor e idade, ou seja, a maioria dos entrevistados narraram suas memórias à uma jovem historiadora não negra. Provavelmente foi relevante para a exposição das narrações, assim como para a postura da entrevistadora, que deve perceber esta diferença, e jamais negá-la. Destacando ser a história oral a principal metodologia deste trabalho, uma relação entre entrevistador e entrevistado sobre construções, imagem e status (PORTELLI, 2004).

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas- PPGH (UFPel); Bolsista CAPES; e-mail: [biafloor@yahoo.com.br](mailto:biafloor@yahoo.com.br)

O concurso intitulado “Miss Mulata” criado na cidade de Arroio Grande em 1969 é o foco deste trabalho para pensar nas questões propostas anteriormente. O que se faz necessário pensar na representação enquanto linguagem e significado.

### **Concurso de beleza negra: Miss Mulata Rio Grande do Sul**

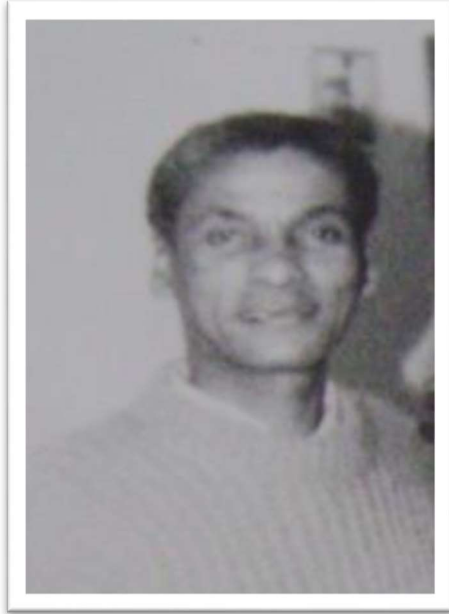
O Concurso tem origem em 1969 em Arroio Grande<sup>2</sup>, interior do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>. Idealizado por Antônio Carlos da Conceição e, especificamente, voltado à mulher negra, foi chamado de “Miss Mulata”. A idéia surge do conhecimento de um concurso que ocorria em Santa Catarina, o Miss Mulata Blumenau.

Tu sabes que em sessenta e nove eu disse assim: ‘eu vou fazer um Miss Mulata Rio Grande do Sul aqui em Arroio Grande... zona sul!’, aí eu comecei a me preparar, tu sabes que eu fiz ofício, fiz uma comissão aqui, direitinho, mas nunca pensei que o negocio fosse andar, tu entendeu? (Antônio Carlos da Conceição)

---

<sup>2</sup> Arroio Grande localiza-se próximo a fronteira com o Uruguai, é emancipada da cidade de Jaguarão apenas em 1872, teve como base de sustentabilidade as charqueadas, baseada na pecuária e na escravidão. Os escravos negros eram utilizados para trabalhos domésticos, nas fazendas e olarias. Por isso, nesta localidade há uma forte manifestação da cultura e religião africana. A cidade se identifica, em âmbito turístico, com Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, nascido nesta localidade, mas fez sucesso como grande empreendedor no Rio de Janeiro, onde morou desde sua juventude. Conhecida como “Cidade Simpatia” por acolher bem quem vem de outras localidades. No entanto, Arroio Grande teve episódios marcantes de racismo: como a divisão de locais públicos e privados segundo a raça, como praças e clubes sociais.

<sup>3</sup> As relações raciais no Rio Grande do Sul devem ser analisadas de maneira especial. No qual, por muitos anos, foi negada a escravidão, ou seja, foi construído um pensamento de que neste Estado a escravidão era menos violenta. E também se fez acreditar em um número reduzido da população negra como integrante da sociedade. Um espaço que, até mesmo pela forte imigração, predominou e dominou a identificação com lusos e platinos. Enquanto, por volta de 1930, o país construía uma identidade nacional ligada à mestiçagem, no Rio Grande do Sul, se minimizava a presença negra.



**Imagem I-** Antônio Carlos da Conceição  
(Acervo pessoal)

O concurso teve início em âmbito de Zona Sul, ou seja, regional. Mas a partir dos anos de 1980, passa a ser Estadual, e denominado “Miss Mulata Rio Grande do Sul”. O Concurso foi realizado até o ano de 1999.

É importante destacar que “o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica” (WOODWARD, 2012, p.28), uma forma de reafirmar identidades.

Antônio Carlos da Conceição nasceu em 1948 na cidade de Arroio Grande, onde vive até os dias de hoje. Seu pai, Crivelandi Soares da Conceição que era branco, trabalhou em um depósito de bebidas, e sua mãe, Adalcia Lúcio da Conceição que era negra, foi funcionária pública. Segundo ele, a família de seu pai não aceitava o namoro, afirma que “a família não aceitava porque ela era preta”<sup>4</sup>. Mas, mesmo assim, eles se casaram. Com isso, Antônio Carlos é originário de mistura racial, é um mestiço, ele se autodenomina um negro, mas misturado: “Olha eu não me arrependo de ter nascido negro. Porque eu sou negro. Eu não sou puro né, porque só a cor que é preta.” Ou seja, um mestiço ou mulato que enfatiza sua identidade negra no símbolo da cor.

No século XIX a palavra “preto” se referia no Brasil ao africano, e o “crioulo” os negros nascidos no Brasil. No período de abolição, em que fugas e conflitos escravistas estavam intensos, a palavra “negro” é utilizada

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Antônio Carlos da Conceição, em 5 de agosto de 2011, na residência do entrevistado, Arroio Grande. Entrevistador: Beariz Floôr Quadrado e Marília Kosby através da oficina de Patrimônio do Ponto de Cultura Axé Raízes. Acervo do Núcleo de Documentação Histórica, UFPel.

pejorativamente, enquanto “preto” se faz mais utilizado com neutralidade, é neste período que o racismo surge como doutrina científica, de forma expressiva nas sociedades marcadas pelo sistema escravista, e caracterizada pelo etnocentrismo, nas quais o preconceito se fez para marcar valores de afastamento de outras culturas e povos, com criações de estigmas sobre o outro. Apenas por volta de 1920 que o “negro” será uma autodenominação de movimentos de afro descendentes no Brasil, de forma a positivar.

Foram palavras que fizeram um completo percurso histórico de reversão de sentido. Usado pelos europeus, primeiro, para designar pessoas e povos de cor mais escura, “negro” tornou-se, depois, designação de pessoas e povos de status social ou constituição biológica inferior, escravos ou povos submissos; para num terceiro momento, servir de autodesignação desses mesmos povos em seus movimentos de libertação colonial e de recuperação de autoestima (GUIMARÃES, 2012, p. 29).

A classificação de cor no Brasil é definida socialmente, de maneira a levar em conta o fenótipo, ao contrário dos Estados Unidos em que a classificação é de hereditariedade. Para alguns antropólogos como Marvin Harris, o Brasil forma grupos de cor e não de raça (GUIMARÃES, 2012).

Ao perguntar sobre a palavra mulata para a denominação do concurso, Antônio Carlos faz referência à mistura de negro com branco, como colocado pelo senso comum.

Fruto da mistura do negro com o branco, no imaginário social, a mulata é vista como a mulher que traz no tom “bronzado” ou “moreno” da pele e nos contornos do corpo a marca da mestiçagem. A ascendência negra esta gravado na cor da sua pele e na textura de seu cabelo. No caso dos cabelos, para compor a representação social da mulata, eles devem ser, de preferência, longos e anelados e nunca muito crespos. (GOMES, 2008, p.255)

Ressalta-se que a realidade da mestiça e da mulata, envolve conflitos e domínio colonial. O mestiço é o indivíduo originário da relação entre índio (a) e branco (a), já mulato, entre negro (a) e branco (a). O cruzamento entre, por exemplo, uma mulher branca e um homem negro, era visto no século XIX e por Paul Brocca, como estéril. E que se gerado seria incapaz de ser “normal”, e assim se percebe o preconceito originário contra o mestiço, como fracos física e moralmente (MUNANGA, 2008).

A mistura de raças era colocada como uma degeneração do indivíduo e de toda a sociedade, como defendeu o médico Nina Rodrigues. Um período influenciado pelo Darwinismo social, então adeptos da teoria da seleção natural e de uma hierarquia social por meio da raça.

Por volta de 1930, com destaque às obras de Gilberto Freyre, que se terá a miscigenação na construção de uma identidade nacional; “[...] o processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade” (MUNANGA, 2008, p.15), em um princípio de “democracia racial”. E é desta forma que o negro é incorporado pela sociedade brasileira na constituição de uma identidade, através de uma ambiguidade, que apresenta ao mesmo tempo a negação do ser negro e sua assimilação, em diversos âmbitos. Reconhece-se o samba, a capoeira, as religiões, tudo que antes era dito como negativo e proibido.

[...] tanto o candomblé como o samba constituíam os produtos culturais mais originais no Brasil e eram, portanto, capazes de distinguir simbolicamente o Brasil de outras nações latino- americanas e do mundo desenvolvido. Outra interpretação possível, e a que realmente prefiro, é que adoção de tais símbolos era politicamente conveniente, um instrumento para assegurar a dominação mascarando-a sob outro nome (FRY, 1977, p.52).

Esta incorporação das raízes e identidades culturais negras na identidade nacional é uma forma de poder exercido para controle em uma falsa integração. A estratégia de dominação era a da inclusão, buscando integrar ao nacional uma identidade miscigenada, negando qualquer identificação unicamente negra.

[...] a elite “pensante” do País tinha clara consciência de que o processo de miscigenação, ao anular a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças a ideologia de branqueamento, ia evitar os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros países, de um lado, e, por outro, garantir o comando do País ao segmento branco[...] (MUNANGA, 2008, p.75).

O mulato é concebido, de maneira ilusória, em certa superioridade sobre os negros, mas inferiores aos brancos, pois foi construído para se contraporem ao primeiro grupo, mas na verdade sua posição é indefinida.

## **A representação da Mulata**

A Terminologia “mulata” tem origem extremamente pejorativa, vem da denominação de mula, uma cruz entre éguas e jumentos. No caso seria uma forma de “higienização” da sociedade, através do “sangue branco”, mas preservando a sensualidade e malícia da negra. Ou seja, a mulata como objeto de desejo. “[...] foi construída uma mulata puro corpo, ou sexo, não ‘engendrado’ socialmente.” (CORRÊA, 1996, p.40). Mostra-se relevante a ligação direta com o corpo, marcado por estigmas que classificam negativamente esta mulher dita mestiça. Formando uma identidade indesejada. Esta nacionalidade “encarnada na figura do mulato; desqualifica qualquer reivindicação de autenticidade cultural



afrodescendente.” (PINHO, 2004, p. 85-119). Como colocado por Mariza Corrêa (1996) é uma rejeição à negra preta.

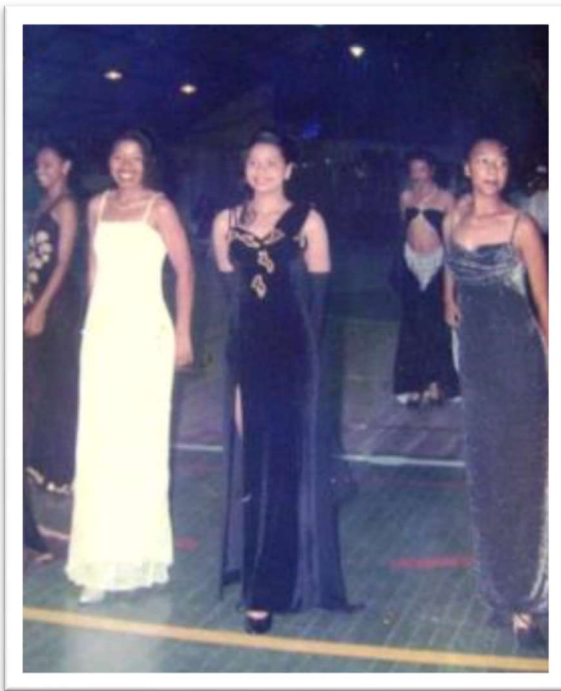
Mas voltando a tratar do concurso, através das entrevistas realizadas ficou clara a forte representação deste concurso para as mulheres participantes. Ao perguntar as candidatas entrevistadas o motivo que levaram a participar do concurso, tem-se a questão de visualização e status, segundo elas, era um luxo, carro particular, cabeleireiro, manto, coroa e buquê de flores. Gerava a autoestima para estas. Colocando a beleza do cabelo crespo, da pele negra, suas representações de identidade negra em destaque.

Pra gente era uma maravilha, era o auge. Era um status amais. (Katerine Bretanha, Miss Mulata Arroio Grande 1999)

Bá eu to me sentindo uma celebridade! Sabe que as pessoas diziam assim...vinham e me cumprimentavam! Mas é uma noite assim, parece uma noite de Cinderela! (Lutiele Borges, Miss Mulata Rio Grande Do Sul 1998)

Era meu sonho! Era meu sonho ser Miss Mulata, Miss Mulata Arroio Grande! E aí realizei o sonho de ser Miss Mulata Rio Grande do Sul! (Joseane Balhego, Miss Mulata Rio Grande do Sul 1992)

Pensar na fala da Miss Mulata de 1998, em que compara a noite do concurso com uma noite de Cinderela, a percepção é de algo único, daquele momento, em que a realidade voltará no dia seguinte. Mas no caso desta Cinderela, ela é negra, e seu corpo é ligado a estereótipos negativos de beleza. Analisando a trajetória desta candidata percebe-se- a como uma exceção, pois ela participou, e venceu, outros concursos, o que se pode colocar pelo fato de a candidata ter a pele mais clara.



**Imagem II-** Lutiele como Miss Mulata Rio Grande do Sul 1998 (centro da foto) (Acervo pessoal)

Arroio Grande é marcado em sua história com uma variedade de concursos de beleza como “A mais Bela Comerciária”; “A Mais Bela estudante”; “Senhorita Arroio Grande”; “Rainha do Arroz”; entre outros. Analisando fontes de jornais, é raro encontrar até mesmo candidatas negras para estes concursos. As

mulheres negras em Arroio Grande tem espaço em concursos de carnaval, e os realizados pela associação negra “Clube Guarani”<sup>5</sup>, como exemplo, Garota Axé.

O concurso Miss Mulata tinha três etapas de avaliação, em que não consistia apenas a beleza. Primeiramente era realizado um coquetel para apresentar as candidatas, no qual a avaliação era comportamental, o modo de sentar, comer e falar. E por fim, no dia do evento, mais dois desfiles, novamente de maiô, e outro com vestido de gala. Se percebe um padrão no concurso, e uma influência do Miss Brasil e Miss Universo. Sobre concursos de beleza:

Somente numa sociedade em que a aparência tornou-se estratégia social de poder que toda a atenção, mística e glamour que envolviam os concursos locais e internacionais, para a eleição de uma beleza representativa de um país, de uma

<sup>5</sup> Cube negro fundado no ano de 1920 e fechado em 2006, por ordem judicial, devido um abaixo assinado contra o mesmo. Seu nome fazia referência à grupos indígenas, também discriminados na sociedade brasileira.

cidade, de um clube ou de um evento qualquer, se tornaram justificáveis (SANT'ANNA, p.3).

Os concursos também constroem uma imagem do belo, instituem valores, comportamentos. E a beleza regula distinções e visibilidades sociais. O padrão de beleza no século XX era além do que ser limpa e saudável, mas passa ao encontro do ostentar (SANT' ANNA). É neste âmbito de aparências e visualizações sociais por meio de concursos de beleza que o Miss Mulata também vai se constituir, perante um grupo que visava as mesmas aspirações: visualidade e valorização. Neste caso, mais específico, devido às construções representativas sobre o corpo e estética da mulher negra ou mulata, sobretudo, moral e sexual (GIACOMONI, 2006). Por isso, a importância destes concursos para a auto-estima, sempre ligados a beleza, “as principais estratégias de elevação da autoestima do negro são os cuidados com a beleza e as histórias de sucesso pessoal.” (OLIVEIRA, 2010, p.31)



**Imagem III-** Miss Mulata Rio Grande do Sul 1992- Desfile de Gala (Acervo pessoal)

No caso do concurso, deve-se analisar a construção de estereótipos sobre a mulata e a mulher negra, e a apropriação do grupo em descaracterizar tais terminologias para falarem de si, mas ainda se deve analisar como isto se deu ao longo do “Miss Mulata”. Neste, percebe-se claramente uma revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação, para uma reapropriação coletiva da sua própria identidade. Segundo Giacomini:

[...] passa-se a um olhar que vem de fora, é externo ao grupo. A exotização que a categoria mulata impõe e opera combina-se, porém, com um reconhecimento de que a mulata de que se trata não é uma mulata como as outras, posto que “disciplinada” (2006, p.122).

Apesar de o concurso ter um caráter de visibilidade, também, para a sociedade branca, ele não silenciou as características negras de suas candidatas, não teve acasos de embraquecimento, ou a obrigatoriedade de algum estilo de cabelo, pele ou qualquer outra característica. Era necessário ser negra, além da cor da pele, uma questão de descendência.

O sentido, como o da mulata, não é estático e natural, ou seja, é arbitrário e se move pela linguagem, esta por sua vez é um sistema de sinais (HALL, 1997). Tendo o signo uma forma, que pode ser por meio da imagem, fotografia ou palavra; e um conceito ou significado, em que esta forma é associada (HALL, 1997).

Cada um de nós provavelmente entende e interpreta o mundo de um jeito único e individual. No entanto, nós podemos nos comunicar porque compartilhamos praticamente os mesmos mapas conceituais, e, então, tomamos sentidos ou interpretamos o mundo de maneiras grosseiramente iguais (HALL, 1997, p.5).

Mas Stuart Hall (1997) exemplifica através do termo “preto”, enquanto linguagem, a relação de reapropriação do significado:

Por muitos séculos, sociedades ocidentais associaram a palavra PRETO com tudo o que era escuro, mal, proibido, diabólico, perigoso e pecaminoso. Contudo, pense em como a percepção das pessoas negras na América na década de 60 mudou depois que a frase “Preto é bonito” (“Black is beautiful”) se tornou um slogan famoso onde o significante, PRETO, foi levado a significar o sentido exatamente oposto (significado) às suas associações prévias. (HALL, 1997, p.21)

E sobre o concurso, o que se percebe é busca de utilizar esta estratégia em favor de mulheres negras e mulatas, utiliza-se a nomenclatura de “mulata”, mas o foco de valorização são sobre símbolos negros, referentes as ambas categorias. Isto se confirma ao analisarmos o período histórico da ditadura militar, quando se funda o Concurso. Período que não se admitia falar ou denunciar o racismo, este era silenciado. Os movimentos negros foram classificados como impatrióticos. Os militares se utilizaram do mito da

democracia racial para suprimir a luta anti-racista. Por isso, a palavra “negro” era uma afirmação perigosa, sendo preciso nomenclaturas mais aceitas, como mulata.

A positivação da palavra negro no Brasil é recente, por volta de 1980, e devido as lutas negra, estas negaram palavras como mulata, moreno e pardo como formas de auto-afirmação. Segundo Katerine, se o concurso existisse hoje, ela não poderia participar, pois ela é negra: “nome era Miss Mulata, mas eu sou negra, meu pai e minha mãe são negros!” (Miss Mulata Arroio Grande 1999). Mas esta autodenominação é variável entre as entrevistadas, as descendentes de uma mistura racial em parte se identificam mulatas, outras, ainda assim, denominam-se negras. Um processo de autoconstituição da identificação, sem relações rígidas de pertença a um determinado grupo (COSTA, 2006).

### A construção de raças

A terminologia raça passa a ser utilizada na classificação humana no contato com o desconhecido, o “outro”, no período de descobertas do século XV. No século XVI no simbolismo das cores, se tem por parte de cristãos ocidentais, o negro como significado de derrota, pecado. Prevaecem a repulsa aos povos de cor, diferentes do padrão estético e dos valores da civilização europeia (GUIMARÃES, 2012). Assim como as representações, as classificações são arbitrárias, e neste caso passa a ser no intuito de diferenciação e poder, buscando legitimação no biológico.

Podemos observa que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação (MUNANGA, 2003, p.6).

É clássico na colonização o binarismo branco/negro, ou seja, a raça denominada pela cor. Os estudos raciais dos séculos XIX e XX acrescentam outras características fenóticas para classificação, como nariz, olhos, cabelos, entre outras.

É durante o século XIX que raça vai ganhar um caráter científico no Brasil pelas influências de modelos europeus como o evolucionismo, na busca de progresso e civilidade condenando o mestiço a uma degeneração; e o social-darwinismo, em uma hierarquização social pela raça.

O cruzamento de idéias darwinistas e poligenista em foco na raça desembocou no entendimento de que, embora whites e Negroes compartilhassem um ancestral comum, seus processos de evolução eram tão desiguais que, na prática, poderiam mesmo ser considerados duas espécies (XAVIER, 2012, p.51).

No Brasil vai se destacar a figura de Silvio Romero, com base nas ideias de um naturalismo evolucionista, junto às posições de Haeckel, Darwin e Spencer, ele, ao contrário de muitos estudiosos brasileiros, acreditava ver na mestiçagem a saída para uma possível homogeneidade nacional. Estaria no mestiço à vitória do branco no país, o produto de uma raça em formação (SCHWARCZ,1993).

É relevante, também ressaltar sobre as categorias humanas denominadas por cor, ou seja, branco, negro, amarelo, ou mestiço, em que:

[...] trata-se de fato, de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização, apesar da nossa percepção da diferença situar-se no campo do visível. É através dessas categorias cognitivas, cujo o conteúdo é mais ideológico do que biológico, que adquirimos o hábito de pensar nossas identidades sem nos darmos conta da manipulação do biológico pelo ideológico.(MUNANGA, 2008, p.18)

Estudos como a teoria evolucionista que explica as diferenças de culturas através do meio ambiente; assim como a teoria racista, como a de Saint-Simon, justificava questões de inferioridade pela raça, esta em um viés biológico. Estudos como de William Frederic entende as distinções pela formação do corpo como determinante para o caráter de um indivíduo; e Paul Broca a inferioridade estaria na cor da pele, cabelos e outros traços fisiológicos. E sobre a construção do inferiorizado, tende-se deixar claro que “é o correlato nativo da superiorização européia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado.” (FANON, 2008, p. 90). O principal meio para a dominação colonial foi o terror e a desumanização do ser colono, mais especificamente do negro colonizado:

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...] (FANON, 2008, p. 94).

Este mundo branco é naturalizado como normativo, fazendo com que os negros sejam racializados, ao contrário dos brancos.

Então, racismo passa a ser “uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.” (MUNANGA, 2003, p.8)

No ano de 1950 através de um projeto da Unesco busca-se entender o preconceito de cor no Brasil, tendo destaque os estudos de Florestan Fernandes em que percebe uma certa permanência de valores nas relações sociais referentes

ao sistema escravocrata, reconhecendo o preconceito racial. Em meados de 1960 passa-se a denunciar como mito a existência de uma “democracia racial”.

### Representação da beleza negra

Devido às construções representativas sobre o corpo e estética da mulher negra ou mulata, sobretudo, moral e sexual (GIACOMONI, 2006) tem-se a importância de concursos de beleza negra para a auto-estima:

O conceito de beleza é subjetivo, localizado, histórico e relacional. Apesar dessa relativização, as sociedades impõem alguns padrões de beleza, uma vez que ela também é construída em contextos de relações assimétricas de poder. O corpo é uma das instâncias sujeitas à inscrição, à classificação e a hierarquização da ideia de beleza. Na sociedade brasileira, o padrão assimilado desde o século XVI, como decorrência da colonização portuguesa, possui um viés eurocêntrico (GOMES apud OLIVEIRA, 2010, p.92).

No Brasil a estética é associada a padrões de beleza branca, uma superioridade estética denominada branquitude. O corpo negro como um ícone de feiúra, primitismo, agressividade e descontrole faz parte de um complexo processo histórico, em uma racialização do gênero para administrar o corpo da mulher branca e conter o da mulher negra. Fixando as dicotomias pureza/impureza; limpeza/sujeira; contágio/purificação; ordem/desordem. (XAVIER, 2012)

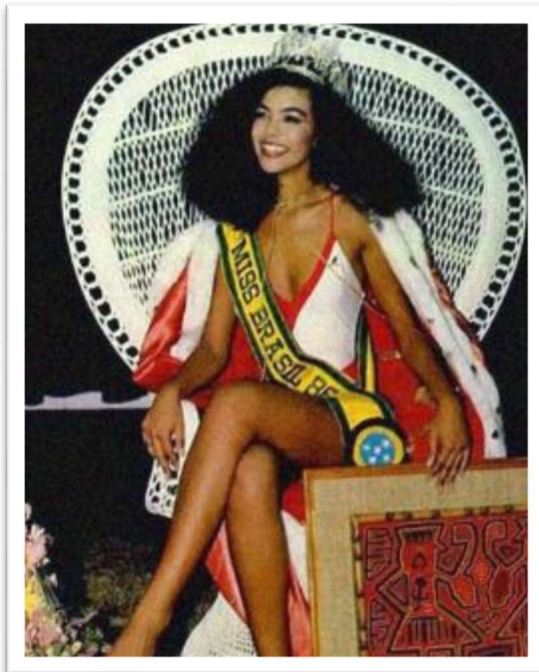
No século XIX padrão de beleza foi associado ao higienismo, que por vez significou clarear. “Haviam conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença e pele escura” (SANT’ ANNA, 2014, p.75), chamadas de “pele encardida”, e estas precisavam ser regeneradas. Com isso, surge cosméticos com promessas de clareamento da pele e alisamento dos cabelos, uma forma violenta de resistir à discriminação. “Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo- sobretudo o feminino” (NOVAES, 2011, p.477).

A população negra é dividida em negra (preta) e mulata (visualmente menos negra), e estas belezas são racializadas, sendo a mulata, devido a mistura, um sinal de beleza. Mas uma estética de lugares reservados, em especial para o samba e carnaval. Um estereótipo que concursos negros tentam quebrar. E o Miss Mulata, especificamente, levando em conta o seu período histórico, tenta converter símbolos negros ou mulatos de feiúra para o belo.

A representatividade positiva é essencial para a construção de uma identidade, o que se percebe silenciado no Brasil, principalmente no que tange à mídia. “Esta incorpora a chamada “branquitude normativa”, ou seja,” a consideração do branco como representante legítimo da espécie humana” (OLIVEIRA, 2010, p.26).

Entende-se por representação como “uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Ele envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas” (Stuart Hall, 1997, p.1).

A grande representação de beleza negra, na cidade de Arroio Grande, percebido nas entrevistas feitas, é a, hoje empresária, Deise Nunes. Esta representação é destacada pela candidata de 1988, que afirma ter tido o padrão de corpo de Deise Nunes, uma forma de valorização de sua própria beleza. Deise foi Miss Mulata Arroio Grande em 1982, e segundo lugar no Miss Mulata Rio Grande do Sul; mas seu destaque se deu em 1986 quando foi eleita Miss Brasil e foi finalista do Miss Universo, a primeira(e única) mulher negra a representar este país.



**Imagem IV-** Deise Nunes  
Miss Brasil 1986 (Revista Raça  
Brasil 2013)



Nascida em Porto Alegre, e incentivada por sua mãe, Deise acaba debutando em Arroio Grande e representando a cidade no Miss Mulata, neste período o concurso abarcava apenas a região sul do estado. A Miss Brasil diz achar importante estes concursos mais específicos, pois, segundo ela, “tu te encontras, tu te vê!”, mas também acredita que as meninas negras devem participar de outros concursos, vencer seus medos. E sobre sua participação no Miss Brasil, destaca:

Eu fui me dar conta da importância do título, assim, para minha raça, para os negros, para a autoestima de muitas, acho que três dias depois que caiu a ficha assim. Não é a ficha ‘eu sou a mulher mais linda do Brasil!’ Não! A ficha que caiu ‘Poxa, eu serei a representante da beleza da mulher brasileira no Miss Universo!’

Deise Nunes se autodefine como negra. Diz ser filha de mãe negra e pai branco, e que quando nasceu foi colocada em sua certidão a classificação de parda, por ser bem clara. Mas se questiona: “é muito engraçado, assim, porque na minha certidão eu sou parda, eu não sou nem branca, nem negra, eu sou parda. Que raça é essa? Parda? Não existe essa raça! Não existe a cor, parda é cor do nada!”. E sobre a terminologia do concurso em Arroio Grande, fala sobre conceitos da época:

naquele época, não se falava negro, as pessoas não diziam negro, porque parecia que tu dizia negro tu tava ofendendo. Então as pessoas diziam moreno claro, moreno escuro, mulata, mulato, sabe? Mas não dizia negro!

Ela destaca também a surpresa no Miss Brasil de ter uma representante negra do Estado do Rio Grande do Sul, sendo este representado frequentemente por mulheres brancas e, preferencialmente, loiras. Além disso, era a única mulher negra no concurso Miss Brasil.

## Considerações Finais

Sabe-se das críticas que sobre concursos de beleza, comparando mulheres à mercadoria, futilidades, além de estabelecer padrões estéticos exclusivos. Isto, aqui, não é negado. Mas se deve levar em conta a representatividade de concursos negros para mulheres negras em questão. Pode-se notar que para o grupo que aderiu a tal concursos, uma relação de auto-estima, representatividade e valorização da beleza negra por parte do grupo. E que apesar da terminologia utilizada, não se pode afirmar formas de branqueamento, tendo em vista, as referências à identificação negra, seja por pertencimento de linguagem, como no aspecto visual.

Levando em consideração o período em que teve origem o concurso, marcado por opressões militares e de uma cultura em que a palavra “negro” é ofensiva, pode-se pensar em uma estratégia ao utilizar a terminologia mulata. Em que se destaca a beleza da mulher negra, de uma maneira aceitável aos racistas e defensores da existência de uma democracia racial; ao mesmo tempo em que positiva o ser miscigenado que sofre preconceito sobre suas características negras, visíveis no corpo, ou por simples ascendência.

O concurso pode ser pensado como uma valorização da própria figura da mulata, enquanto fruto de uma relação inter-racial, vista como degenerada e sexualizada; e que apesar de privilégios enquanto aos negros, não nega pertencer a este grupo.

Enfim, a representatividade e a estética negra foram violentadas e estereotipadas pelo poder colonial, mas também fazem parte de uma luta negra de valorização por meio de ressignificações de linguagens e imagens.

## Referências Orais

**Entrevista realizada com Antônio Carlos da Conceição**, em 5 de agosto de 2011, na residência do entrevistado, Arroio Grande. Entrevistador: oficina de Patrimônio do Ponto de Cultura Axé Raízes. Acervo do Laboratório de História Oral, UFPel.

**Entrevista realizada com Katerine dos Santos Borges Bretanha**, em 04 de julho de 2013, no trabalho da entrevistada, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

**Entrevista realizada com Joseane Balhego Luz**, em 04 de julho de 2013, em um salão de beleza, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

**Entrevista realizada com Lutiele Vieira Borges**, em 07 de julho de 2013, na residência da entrevistada, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

**Entrevista realizada com Deise Nunes Ferst**, em 16 de julho de 2015, no local de trabalho da entrevistada, Porto Alegre. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

## Referências

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da Mulata. **Cadernos Pagu** (6-7). 1996.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**: teoria social, anti- racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela. “Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada”: Identidade, Consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. **XXVI Reunião Anual da Associação nacional de Pós- Graduação e pesquisa em Ciências Sociais**, Caxambu, Outubro de 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

FRY, Peter. Feijoada e “Soul Food”: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. \_\_\_\_\_. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1977.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro**. O Renascença Clube.

Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito Racial**: modos, temas e tempos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES, Nílma Nilo. **Sem Perder a Raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós- modernidade**. DP& A editoras: Rio de Janeiro: 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **Sin Garantías**: Trayectorias y problemáticas en studios culturales. Envión Editores: Peru, 2010.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) **Representation**: Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. Pág. 15-64

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e Sentidos. 3.ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. IN: Palestra proferida no **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**-PENESB-RJ, 05/11/03.

NOVAIS, Joana de Vilhena. Beleza e feiúra: corpo feminino e regulação social. IN: DELPIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. **Adolescentes Negras**: relações raciais, discurso e mídia impressa feminina na contemporaneidade. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. **Cadernos Pagu** (23), Julho- Dezembro de 2004, p.89-119.

SANTA' ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, **Nós somos racistas**: Estudo Psicossocial da Branquitude paulistana. *Psicologia e sociedade*, 26 (1), 2014, 83-94.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

XAVIER, Giovana. **Branças de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós- emancipação (Estados Unidos, 1890-1930),** Campinas. São Paulo: 2012.

WEIMER, Rodrigo. Ser “moreno”, ser “negro”: memórias de experiência de racialização no litoral norte do Rio Grande do Sul no século XX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v,26, n° 52, p. 409-428, julho-dezembro de 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

---

**Abstract:** The research has as its theme a beauty pageant called "Miss Mulata", which was aimed at enhancement of the black woman. The contest comes from Arroyo Grande (RS) in 1969, is founded by Antonio Carlos da Conceição, which is called as a "black, but not pure." The research aims to examine the issues surrounding the construction of the representation of mulatto woman in Brazilian imagination, as well as the construction of beauty and representation in this contest. It seeks to understand the extent to which competition can contribute to ending racism and prejudices about black women, taking into account mainly the terminology used to name the same?

**Keywords:** Mulata; beauty; breed; racism; representation.

---